

REVISTA DA BIBLIOTECA NACIONAL

VOL.1 N.º1 JANEIRO-JUNHO 1981



SUMÁRIO

7 Nota de abertura

9 Editorial

- 11 Um rapaz curioso na velha Biblioteca Nacional,**
por Manuel Rodrigues Lapa

História da Cultura Portuguesa

- 19 A propósito dos “Ditos Portugueses Dignos de Memória”,**
por Fernando Portugal
- 26 Dois evangeliários dos séculos XII e XIII existentes na Biblioteca Nacional,**
por Isaías da Rosa Pereira
- 41 Testemunho alcobacense de Fonte latina de “Los milagres de N.^a Señora”
de Gonzalo de Berceo,**
por Aires Augusto Nascimento
- 44 Sobre a autobiografia de Antónia Margarida de Castelo Branco. 1652-1717,**
por João Palma-Ferreira
- 74 Formas e premissas do pensamento luso-brasileiro do século XVIII,**
por Jorge Borges de Macedo
- 83 Quatro Cartas Inéditas de Augusto Gil a sua noiva Adelaide Patrício,**
por Rosa Maria Vasconcelos Mota
- 90 O que soubemos logo em 1909 do Futurismo,**
por Pedro da Silveira

Bibliografia. Biblioteconomia. História do Livro

- 106 Os Incunábulos em Portugal. Inventários e Catálogos existentes,**
por Maria Valentina C. A. Sul Mendes
- 116 As muitas edições de obras de Dom Jerónimo Osório,**
por Francisco Leite de Faria
- 136 Obras impressas em Portugal pelo tipógrafo Hermão de Campos. 1509-1518,**
por Maria Manuela Cruzeiro

SUMÁRIO

- 150 Bibliotecas Nacionais. Abordagem de um problema,**
por Maria Alzira Proença Simões
- 155 A Bibliografia Anual sobre a História do Livro Impresso e das Bibliotecas,**
por Fernanda Maria Guedes de Campos

Biblioteca Nacional. Subsídios para a sua História

- 159 Memórias do Doutor António Ribeiro dos Santos, Lente que foi da Faculdade de Cânones, na Universidade de Coimbra e Colegial do Real Colégio das Ordens Militares.**
Coligidas e relatadas por Joaquim Ferreira Gordo. Leitura e notas por J. P. F.
- 174 O primeiro regulamento da Biblioteca Nacional,**
por L. F. Carvalho Dias

-
- 184 Noticiário**

O QUE SOUBEMOS LOGO EM 1909 DO FUTURISMO

por Pedro da Silveira

O que adiante se reúne, colhido no *Jornal de Notícias* do Porto e no *Diário dos Açores* de Ponta Delgada, é tudo quanto na imprensa portuguesa em 1909 foi notícia de ter nascido em Paris, e tendo por pai F.-T. Marinetti, o Futurismo.

No caso do *Jornal de Notícias*, o estar em dia com a acontecido deveu-se a que tinha na capital francesa um correspondente da boa qualidade de Xavier de Carvalho, sempre atento (já o estava em 1888, quando Moréas lançou, também nas colunas do *Figaro*, o Manifesto do Simbolismo) ao que de novo ia surgindo no campo das letras. Com efeito, eram seis em 1909 os correspondentes de imprensa portugueses com assento em Paris (além do do *Jornal de Notícias*: A. de Sousa, d'O *Primeiro de Janeiro*; Silva Lisboa, do *Diário de Notícias*; Almada Negreiros, d'O *Século*; Aquilino Ribeiro, de um semanário de Viseu e de outro de Tavira, e Cristiano Frazão Pacheco, que se dividia entre a imprensa brasileira e a dos Açores), mas só X. de Carvalho teve, quanto ao Futurismo, o faro da notícia – não obstante a suposição, aliás admissível, de se tratar talvez de uma brincadeira carnavalesca. E seria ainda, entre os seis, o único a ocupar-se do *Rei Bombance*.

Quanto ao *Diário dos Açores*, na altura um dos melhores jornais do País, dirigido pelo jornalista excepcional que foi Manuel Pereira de Lacerda e tendo por chefe de redacção outro jornalista da mesma estirpe, Mariano Vítor Cabral, a sorte já é outra: encontrar-se em Itália um seu colaborador de sólida e muito actualizada cultura, para quem o não concordar com esta ou aquela estética ou teoria de modo nenhum constituía impedimento a conhecê-la e mesmo aceitar dela alguma coisa.

Porque tanto Xavier de Carvalho como Luís-Francisco Bicudo são nomes que, o primeiro, pouco diz, e, o segundo, praticamente nada diz aos leitores de agora, passo a dar de cada um os elementos biográficos essenciais.

José Xavier de Carvalho Júnior, neto de um dos “bravos do Mindelo” e filho de um funcionário dos correios, nasceu em 1861 (e não 1862, como dizem as enciclopédias, que nem lhe dão o nome completo), em Lisboa, onde fez os estudos secundários. Começou a colaborar na imprensa, como poeta, aos quinze

anos, e pouco depois, já no Porto, fez-se jornalista, tendo fundado e redigido algumas folhas republicanas radicais. Em fins de 1886 foi para Paris como correspondente d'*A Província* e de vários jornais brasileiros e lá se manteve até morrer, em 1919. Republicano com seu tanto ou quanto de socializante, prestou muitos e bons serviços à causa que defendia mas que nunca lhe foram compensados, antes pelo contrário, pois João Chagas, ministro plenipotenciário da República em Paris, privou-o (assim lhe pagando o haver-lhe matado a fome quando exilado) do insignificante lugar de adido de imprensa que tinha na nossa legação desde Outubro de 1910.

Mais como animador, através das suas crónicas e artigos, do que como praticante do Simbolismo, pode dizer-se que a Xavier de Carvalho deveram os simbolistas portugueses muito do seu conhecimento das principais novidades da escola, que sempre a tempo e horas divulgou. Foi amigo de Verlaine e de Mallarmé, cujos serões literários frequentava.

A obra poética de Xavier de Carvalho, sem dúvida medíocre, vale porém como um documento do seu estar de par com a novidade. Além de uma paródia a *A Velhice do Padre Eterno* de Junqueiro, que subscreveu com o pseudónimo só na aparência colectivo de Marraschino & C.^a, *A Velhice da Madre Eterna* (Rio de Janeiro, 1885), publicou mais três colectâneas de versos: *Apoteose Camoneana* (Porto, 1885); *Poesia Humana*, com uma nota final importante relativamente às suas relações com os simbolistas franceses (Paris-Nivelles, 1908); e *Cantos Épicos da Guerra* (Paris-Bruxelas, 1919). Neste último livro usou o verso livre, o que num poeta português da sua geração era pelo menos ousado. Dedicou-o à memória de seu filho Rafael, que em 1915 morrera em combate na frente das Ardenas como voluntário da Legião Estrangeira. E já agora é de notar que também Blaise Cendrars, outro voluntário da Legião, dedicou à memória de Rafael Xavier de Carvalho o seu poema *La Guerre au Luxembourg*.

Menos há a dizer de Luís Francisco Rebelo Bicudo, literariamente Luís-Francisco Bicudo, porque muito curta foi a sua vida e mal se lhe conhece a obra. Nascido em 1884 na cidade açoriana de Ponta Delgada e de uma família da nobreza local, a dos viscondes de Santa Catarina, aí fez os estudos liceais. Em Coimbra, onde cursou Direito (1903-1908), pertenceu ao grupo de jovens escritores e poetas vitalistas que animou a revista *Arte & Vida* e entre os seus amigos mais chegados de então contam-se João de Barros, Câmara Reys e Luís da Silva Ribeiro. Entrara para a Maçonaria ainda em Ponta Delgada, na Loja "Companheiros da Paz", aos dezanove anos, e em 1907, já bem conhecido como republicano, participou na greve académica, datando dessa altura um manifesto político que redigiu e no qual preconizava a pena de morte para o rei D. Carlos. Logo que formado e após passagem fugaz pelo Curso Superior de Letras, iniciou em 1909 uma longa viagem de estudo pela Europa, percorrendo até 1912 a Itália, a França, a Alemanha, a Holanda, a Bélgica e a Grã-Bretanha, onde se casou. Entretanto continuava a colaborar na imprensa, sobretudo no *Diário dos Açores*, em cujas páginas está a maior parte do que escreveu: crónicas, ensaios, contos e poesias, principalmente sonetos. Acometido de neurastenia, que se foi agravando até aos acessos de loucura, pôs termo à vida em 1918, tendo antes destruído quase todos os seus manuscritos.

Embora Bicudo houvesse passado em Itália uma grande parte do ano de 1909, com permanências bastante demoradas em Génova e Milão, não é incontroverso que chegasse à fala com Marinetti ou com outros futuristas italianos, nem há notícia de que com eles se correspondesse depois.

Sobre as notícias de Xavier de Carvalho, extractadas de duas das suas "Cartas de Paris" (que desde há muito saíam semanalmente e com honras de primeira página no *Jornal de Notícias*), nada há a notar além de que na primeira, como já disse, o jornalista tomou o Manifesto de Marinetti por *blague* da quadra carnavalesca – e daí a displicência, nele inabitual, com que encarou o Futurismo.

Já muda de figura o caso do primeiro tradutor em português do Manifesto futurista⁽¹⁾, que no seu comentário a este e à entrevista de Marinetti produz sobre a doutrina do Futurismo considerações notavelmente pertinentes. Sem que adira à nova escola, Luís-Francisco Bicudo nem por isso deixa de tomá-la a sério, de considerar, embora reticentemente, que poderá construir um arejamento. E lá está também, insinuada na condenação da apologia da violência, como que uma profecia quanto ao que viria a acontecer mais de uma dezena de anos após: a colagem do Futurismo (ou de alguns futuristas, com Marinetti à cabeça) ao fascismo de Mussolini.

Dando-lhes a conhecer a Futurismo, Bicudo faz apelo aos intelectuais da sua ilha no sentido de se pronunciarem sobre a nova escola literária e de o comunicarem à revista *Poesia*. Mas, como era de esperar, e talvez ele mesmo esperasse, pois que bem os conhecia, foi chover no molhado. Na verdade, tudo o que se sabe e pode ser consequência da publicação do Manifesto do Futurismo no *Diário dos Açores* é só que um jovem poeta micalense, Luís de Ataíde Corte Real Estrela, no começo de 1909 estreado com mais uma epopeia da Humanidade, depois escreveu poemas ao gosto futurista, os quais, todavia, até agora se conservam inéditos. E cabe perguntar, já que nem sei quando morreu, ainda muito novo, este poeta: os seus poemas resultaram de contacto com o Futurismo italiano ou já da leitura do *Orpheu* em 1915?

Como se sabe, o Futurismo que de facto tivemos, pouco e basto episódico, não foi publicado antes do *Orpheu* e só decorridos mais dois anos vamos ver constituído, à roda do *Portugal Futurista*, um grupo *soi-disant* futurista (com uma ramificação em Faro, onde o semanário *O Heraldo* dava guarida aos futuristas locais e de Lisboa). Em 1909, ele não seria viável, mesmo sem o Entrudo a fazê-lo supor brincadeira, ou assim me parece à vista de como se mostrava o nosso panorama literário e artístico, onde o que releva é, de um lado, um certo regresso ao Naturalismo e ao Parnasianismo, quando menos ao Simbolismo, e, pelo que toca à expressão plástica, só, de mais avançado, o expressionismo da pintura de Sousa Lopes e já, na caricatura, algumas ousadias de Luís Filipe. E cabe agora apontar que, dos modernistas ou futuristas de 1915-1917, apenas Amadeu de Sousa Cardoso já fazia em 1909 coisas dignas de atenção: como a caricatura, que reproduzo da *Ilustração Portuguesa*, em que deu as irmãs Suggia. Mas Amadeu estava em Paris e não em Lisboa ou no Porto.

Já falei de artistas plásticos; agora, como simples curiosidade, apontarei, quanto às letras, os quatro talvez mais importantes livros literários que em 1909 se publicaram em Portugal: *Gente Singular*, de Manuel Teixeira-Gomes; *O Fim*, de António Patrício; *Terra Florida*, de João de Barros; *Trindades*, de Maria da Cunha. Os três primeiros destes prosadores e poetas são conhecidos; a neoparnasiana Maria da Cunha, única poetisa de valor que tivemos entre Maria Browne e Florbela Espanca, é que não é lembrada por ninguém. Nenhum dos quatro veio a ter fosse

(1) A outra tradução, daí a um ano, deveu-se, no Brasil, a Almáquio Dinis.

o que fosse com o Modernismo (embora António Patrício nos contos, no teatro e na poesia se aproxime de certa modernidade de feição decadentista).

Finalizando, cabe dizer que entendi actualizar a ortografia dos textos reeditados de Xavier de Carvalho e Luís-Francisco Bicudo. Além disso, no que este escreveu a propósito do Manifesto do Futurismo e da entrevista concedida por Marinetti à *Comoedia*, corriji o possível dos erros ortográficos devidos à deficiente revisão do *Diário dos Açores*.



As irmãs Suggia num concerto, em Paris, por Amadeu de Sousa Cardoso.
In "Ilustração Portuguesa", n.º 159, 8 de Março de 1909

UMA NOVA ESCOLA POÉTICA – O FUTURISMO

Havia já o Decadismo, o Simbolismo, o Satanismo, o Naturalismo, para não falarmos de escolas literárias bem distantes ou quase extintas como o Romantismo e mesmo o agonizante Parnasianismo. Hoje aparece-nos uma nova plêiade: a do "Futurismo".

O poeta que lança esta nova escola é o director duma revista poética italiana, de Milão: a *Poesia*. Chama-se Marinetti e tem publicado vários livros de versos em francês e em italiano.

O título "Futurismo" é bem extraordinário – mas é um título. Não nos agrada sobremaneira, mas é de crer que venha a ter adeptos, como os tem o Naturalismo.

O chefe da nova escola apresentou já o seu programa.

Os "futuristas" querem: cantar o amor do perigo, a energia, a temeridade. Os elementos principais da nova escola poética serão a coragem, a audácia e a revolta.

A literatura até aqui (diz o poeta Marinetti no seu manifesto) tem apenas cantado o êxtase, a imobilidade pensativa, o sono; os "futuristas" querem cantar o salto, a bofetada, o murro, o passo ginástico, o movimento agressivo. Para os novos poetas dessa revolucionária musa do "Futurismo", um automóvel de corridas vale mais do que as obras-primas do Museu do Louvre ou de Florença ou do Prado.

Já vêem o que virão a ser os "poemas do futuro", assinados pelos poetas da novíssima geração!

Um dos dogmas do novo credo poético do Futurismo é este:

– Queremos glorificar a guerra, única higiene do mundo – e queremos igualmente glorificar o militarismo, a ideia da pátria, os belos pensamentos, o desprezo pela mulher e, sem esquecer, o gesto destruidor de Ravachol.

"Queremos destruir pelo fogo todos os museus, todas as bibliotecas, etc."

E o manifesto continua no mesmo teor, com os mesmos disparates, fazendo a apologia do crime, da loucura, do *bluff*, do automobilismo, do jogo de *apaches*, etc. Ora se isso é a poesia do futuro que nos promete o sr. Marinetti, hão-de convir que antes, mil vezes antes, o mais descabelado romantismo do tempo de Dumas pai, à mistura com "Rocambole" e outros folhetinistas tétricos.

Parece-nos que a nova escola poética, o Futurismo, não passa duma *blague* carnavalesca. Basta ter sido lançada em artigo do *Figaro* nas antevésperas de Domingo Gordo (*).

Xavier de Carvalho

In "Jornal de Notícias", Porto, 26-II-1909.

(*) Em 1909 o Entrudo foi a 23 de Fevereiro. O manifesto saíu no *Figaro* a 19 (data de 20). (P. da S.)

“O REI BOMBANCE” – O FIASCO DA PEÇA DE MARINETTI

Fomos ouvir no teatro da “Oeuvre” (a bela e esplêndida sala de espectáculos de Marigny) a tão anunciada e apregoada tragiburlesca peça do poeta fantástico, criador do Futurismo, o italiano Marinetti, director da revista *Poesia* que se publica em Milão e em Paris.

Há muitos anos que não assistíamos a uma tão extraordinária... chuchadeira!

O público recebeu a peça de Marinetti à gargalhada, como já tinha recebido com troça o programa dessa escola literária do Futurismo que o *Figaro* lançara também (segundo todos o crêem) por brincadeira.

A tragédia burlesca do poeta italiano chama-se o *Rei Bombance*, isto é, o *Rei Glutão*. E em cena só vemos cozinheiros, bichos de cozinha, frades com grandes ventres, reis que rebolam por terra com indigestões, ministros que sentados à mesa devoram tudo enquanto o povo esfomeado reclama a sopa, uma malga de caldo, bradando que não come há 15 dias.

Num dos actos os famintos tomam de assalto o palácio real, as cozinhas do rei e o monarca que finge ter caído por terra, morto de fome, é condenado a ser salgado e comido pelo seu povo. No fim o rei ressuscita e é ele quem devora o povo! E todas estas cenas sem pés nem cabeça, sem regras de teatro, parecendo ser escritas por um menino de dez anos, estão repletas de palavras obscenas e tão ignóbeis, que o público da *première*, composto de actrizes, *viveurs*, críticos *blasés*, etc., assobiou e cobriu de insultos o autor.

– Fora o Marinetti! Venha o autor nu em pêlo! Queremos ver esse imbecil na cena! Viva o futurismo *fumiste*!

E os dichotes entrecruzaram-se no meio de grande risota do público.

Sobre a cena, frades e cozinheiros, rei e povo, ministros e poetas dizem cousas ignóbeis.

E eis a representação do *Rei Bombance*.

De todo este *fiasco* só salvamos a *mise en scène* que era surpreendente de beleza. Basta dizer que era pintada pelo célebre impressionista Ranson, uma verdadeira obra de arte. O autor da burlesca tragédia, o poeta Marinetti é rico e foi ele quem pagou (dizem) todas as despesas da peça, que custou, para a montar com luxo, cerca de dez contos. Mas o criador do Futurismo tem mais de cinco milhões de francos de fortuna e é um excêntrico moço ainda, *blagueur* e gostando de ser discutido. Obteve um sucesso de escândalo. Agora pode à vontade anunciar as suas obras. Terá a curiosidade do público.

Xavier de Carvalho

In “Jornal de Notícias”, Porto, 6-IV-1909.

O FUTURISMO

O *Diário dos Açores* é um dos primeiros, se não o primeiro jornal português que apresenta aos seus leitores a nova escola de poesia. Antes de expor a minha opinião sobre este assunto, e sem que procure fazer resumos que fatalmente seriam imperfeitos, traduzirei o Manifesto do Futurismo que foi publicado pelo *Figaro* no dia 20 de Fevereiro deste ano e que teve uma repercussão mundial. Traduzirei igualmente um *interview* que completa e esclarece o Manifesto.

O criador da nova escola literária, Marinetti, é um célebre poeta italiano que também e brilhantemente escreve em francês, e cujos livros têm obtido um enorme sucesso. O seu último trabalho foi a peça *Rei Bombance* representada há pouco em Paris, recebida entre assobios e aplausos, e a seguir discutida por quase todos os jornais franceses.

Vamos ouvi-lo.

O MANIFESTO DO FUTURISMO

1 - Queremos cantar o amor do perigo, o hábito da energia e da temeridade.

2 - Os elementos essenciais da nossa poesia serão a coragem, a audácia e a revolta.

3 - A literatura tem engrandecido até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono; nós exaltaremos o movimento agressivo, a insónia febril, o passo ginástico, o salto mortal, a bofetada e o murro.

4 - Afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu com uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corridas com a sua caixa ornamentada com grossos tubos semelhantes a serpentes de bafo explosivo... um automóvel urrante, que parece correr sobre metralha, é mais belo do que a *Vitória de Samotrácia*.

5 - Queremos cantar o homem que maneja o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, que caminha também vertiginosamente no circuito da sua órbita.

6 - É necessário que o poeta se gaste com ardor, com brilho e prodigalidade, para aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.

7 - Doravante não haverá beleza a não ser na luta, nem obra-prima que não tenha um carácter agressivo. A Poesia deve ser concebida como um assalto violento contra as forças desconhecidas para as obrigar a curvar-se diante do homem.

8 - Encontramo-nos sobre o promontório extremo dos séculos!... De que nos servirá olhar para trás, neste momento em que queremos despedaçar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Vivemos já no Absoluto, porquanto criámos já a eterna velocidade omnipresente.

9 - Queremos glorificar a guerra - única higiene do mundo -, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarquistas, as belas Ideias que matam e o desprezo da mulher.

10 - Queremos arrasar os museus e as bibliotecas, e as academias de todos os géneros; queremos combater o moralismo, o feminismo e todas as cobardias oportunistas e utilitárias.

11 - Havemos de cantar as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; as marés multicolores e polifónicas das revoluções nas

capitais modernas; a vibração nocturna dos arsenais e das fábricas sob as suas violentas luas eléctricas; as vorazes estações de caminho-de-ferro, cheias de serpentes fumegantes; as oficinas suspensas das nuvens pelos cordéis dos seus fumos; as pontes, que se lançam como grandes ginastas por cima do espelho metálico dos rios banhados de sol; os navios aventureiros deslizando no horizonte; as locomotivas de largo peito, que relinham sobre os *rails*, como grandes cavalos de aço, arreados com grossos tubos e o voo suave dos aeroplanos cuja hélice tem flutuações de estandarte e parece aplaudir como uma multidão entusiasmada.

Lançamos na Itália este manifesto cheio de violência destruidora e incendiária, com o qual criamos hoje o *Futurismo*, porque queremos libertar este país da sua fétida gangrena de professores, de arqueólogos, de cicerones e de antiquários.

A Itália tem sido durante muito tempo o grande mercado de vendilhões. Queremos limpá-la dos seus inumeráveis museus que a cobrem de inumeráveis cemitérios.

Museus: cemitérios! Idênticos de facto na sua sinistra promiscuidade de corpos que se não conhecem. Albergues públicos onde se fica a dormir para sempre ao lado de seres odiosos ou desconhecidos. Ferocidade recíproca entre pintores e escultores que lutam entre si com golpes de linhas e de cores.

Compreendemos que se lhes faça uma visita uma vez por ano, do mesmo modo que uma vez por ano vamos visitar os nossos mortos!... Aceitamos mesmo que uma vez por ano se lancem flores aos pés da *Gioconda*!... Mas não admitimos que se vá quotidianamente espalhar tristezas, coragens frágeis e inquietações pelas salas dos museus!... Querem-se porventura envenenar? Querem apodrecer?

O que se poderá descobrir num velho quadro a não ser as contorções penosas do artista que se esforça por ultrapassar as insuperáveis barreiras opostas ao desejo de exprimir inteiramente o seu sonho?

Admirar um velho quadro é derramar a nossa sensibilidade numa urna funerária, em vez de a lançarmos para além em jorros violentos de criação e de acção. Querem assim desperdiçar as suas melhores forças numa admiração inútil do passado, de que sairão fatalmente exaustos, pisados e amesquinçados?

Na verdade o hábito quotidiano dos museus, das bibliotecas e das academias (esses cemitérios de esforços perdidos, esses calvários de sonhos crucificados, esses registos de entusiasmos despedaçados) é para os artistas o mesmo que a tutela prolongada dos pais para os filhos inteligentes e novos, ébrios do seu talento e da sua vontade ambiciosa.

Que assim seja para os moribundos, para os inválidos e prisioneiros. É talvez um bálsamo para as suas feridas a admiração do passado; precisamente quando o futuro lhes é defeso... Mas nós, os jovens e fortes *futuristas*, não queremos mais saber do passado.

Que venham quanto antes os bons incendiários, com os dedos carbonizados!... Ei-los! Ei-los!... Lancem imediatamente o fogo às estantes das bibliotecas! Desviem os canais do seu curso para inundarem as salas dos museus!... Oh, como nadam as telas gloriosas!... Agarrem nas picaretas, nas barras de ferro e destruam sem dó os alicerces das cidades veneráveis!

Os de mais idade dentre nós, não têm ainda trinta anos, resta-nos pois, pelo menos, um decénio para realizar a nossa obra. Quando tivermos quarenta anos, outros, mais novos e mais fortes, virão atirar connosco para o cesto dos papéis velhos, como se faz aos manuscritos inúteis!... E desejamos bem que assim

aconteça! Virão de muito longe, de toda a parte, os nossos sucessores, dançando sob a cadência alada dos seus primeiros cantos, erguendo no ar as mãos de unhas recurvas, e sorvendo como cães, às portas das academias, o bom aroma dos nossos espíritos em putrefacção, já destinados às catacumbas das bibliotecas.

Mas não havemos de estar ali... Hão-de finalmente encontrar-nos por uma noite de Inverno, no meio do campo, sob um triste telheiro, batido pela chuva monótona e cantante, encolhidos junto dos nossos nervosos aeroplanos, e dispostos a aquecer as mãos na mesquinha fogueira, que hão-de fazer os nossos livros de hoje, ardendo alegremente sob o voo faiscante das suas imagens.

Farão um grande tumulto à nossa roda, sufocados pela angústia e pelo despeito, e, desesperados com a nossa atitude de infatigável coragem, tentarão matar-nos, e com tanto maior ódio, quanto será certo que os seus corações estão inebriados pelo amor e pela admiração por nós. E então a forte e sã Injustiça há-de brilhar riosamente nos seus olhos. Pois a arte não pode ser senão violência, crueldade e injustiça.

Os mais velhos ainda não têm trinta anos, e no entanto já desperdiçámos tesouros, tesouros de força, de amor, de audácia, de astúcia e de rude vontade, fizemo-lo precipitadamente, delirantemente, em fúria, sufocando...

Olhem para nós! Não nos falta o fôlego!... Os nossos corações não sentem a menor fadiga! É que se alimentaram de fogo, de ódio e de velocidade! Admiram-se? É natural, pois não se hão-de admirar, se nem sequer se lembram de ter vivido! – De pé, no mais alto do mundo, lançamos mais uma vez o nosso desafio às estrelas!...

Vão pôr-nos objecções? Basta! Basta! Conhecêmo-las!... Compreendemos perfeitamente! Sabemos também o que a nossa bela e falsa inteligência nos diz: que somos o resumo e o prolongamento dos nossos antepassados. É possível que assim seja, Mas que importa se a não queremos ouvir?! Tenham o cuidado de não nos repetirem essas palavras infames! Levantem antes a cabeça!...

De pé, no mais alto do mundo, lançamos mais uma vez o nosso desafio às estrelas!...

F.-T. Marinetti

Director da revista "Poesia,"

"INTERVIEW" DE MARINETTI

por um redactor da revista "Comoedia"

– Sinto-me feliz, meu caro senhor – respondeu-nos muito amavelmente o director da revista "Poesia" –, por me ter proporcionado a ocasião de dar alguns esclarecimentos sobre o que possa haver de incompleto ou de obscuro no nosso recente Manifesto. Não se compreendeu bem, em geral, ou compreendeu-se pouco como é que conciliamos a glorificação do patriotismo com o elogio do gesto destruidor dos anarquistas. Para não nos embrenharmos em longas e fastidiosas digressões mais ou menos filosóficas, parto do princípio que considera, como eu, que essas duas entidades aparentemente contradi-

tórias, a colectividade e o indivíduo, se conjugam intimamente. Não será o desenvolvimento da colectividade o resultado dos esforços e das iniciativas particulares?

Da mesma forma que a prosperidade duma nação se deve ao antagonismo e à emulação dos múltiplos elementos que a compõem. Assim como a concorrência industrial e militar que se dá entre os povos é um elemento necessário para o progresso da humanidade.

Uma nação forte pode abrigar simultaneamente os seus regimentos, ébrios dum entusiasmo patriótico, e refractários loucamente apaixonados pela revolta! São duas canalizações diferentes do mesmo instinto de coragem, de domínio e de energia.

O gesto destruidor do anarquista não será um apelo absurdo e ao mesmo tempo belo, para um ideal de impossível justiça, uma barreira oposta às presunções usurpadoras das classes que dominam vitoriosas? Prefiro a bomba de Vaillant ao rastejo do burguês que se agacha no momento do perigo e ao egoísmo inepto do campónio que se mutila para não servir o seu país.

– Nota-se no entanto uma flagrante contradição entre os seus ideais do futuro e o elogio que fazem da guerra, que traria como resultado, pelo contrário, um recuo às épocas bárbaras.

– É certo, mas há nisso uma questão de saúde que se impõe a tudo o mais. A vida das nações não será, guardadas as devidas distâncias, semelhante à do indivíduo que só se vê livre das infecções e das pleoras por meio do *tub* e da sangria?

E Marinetti acrescenta, sorrindo do seu paradoxo:

– Julgo que, do mesmo modo, os povos devem sujeitar-se a uma constante higiene de heroísmo e que em todos os séculos devem tomar um glorioso duchar de sangue.

– Mas não se contentam simplesmente com a guerra. Os senhores preconizam também o incêndio dos museus e das bibliotecas.

– Isso não é mais do que uma imagem violenta para exprimir a nossa vontade de acabar definitivamente com a primazia do passado, com o despotismo das academias pedantes que abafam as iniciativas intelectuais e as forças criadoras da gente nova. Não é porventura sintomático o facto incontestável de o público actual não contemplar com agrado as obras da criação, e interessar-se simplesmente pelos trabalhos de erudição e de documentação, como o proprietário pusilânime, que vive das suas rendas, sentindo-se facilmente satisfeito, e julgando todos os novos empreendimentos temerários e supérfluos? Quero combater essa admiração supersticiosa por um passado admirável, mas que me parece tanto mais perigoso quanto é certo que faz uma grande pressão sobre os génios, com todo o peso das suas poeiras veneráveis.

– Como explica o acolhimento hostil feito ao seu Manifesto, por uma parte dessa gente nova literata de quem defendeu as aspirações, dignificou o esforço e glorificou as obras audaciosas nas suas numerosas conferências na Itália e na sua revista *Poesia*?

– Não me admiro nada dessa animosidade. Ela torna mesmo legítima a explosão do Futurismo, porquanto vem demonstrar-nos a que ponto o vírus da rotina, da imitação e do pedantismo tem infectado uma grande parte da gente nova que pensa e que trabalha.

Finalmente o redactor da revista *Comoedia* refere-se à parte do Manifesto onde se fala no desprezo da mulher, e o *interview* termina com estas palavras de Marinetti:

— Obedeci talvez a uma necessidade excessiva de laconismo e apresse-me a precisar as nossas ideias sobre esse ponto. O que nós queremos é protestar contra o exclusivismo de inspiração que sofre cada vez mais a literatura de imaginação. Com efeito, exceptuando algumas nobres mas muito raras excepções, parece que os poemas e os romances não poderão deixar nunca mais de ser consagrados senão à mulher e ao amor. Ora isto é um *leit motiv* importuno, um *parti pris* literário deprimente. Será a mulher o único ponto de partida e o único fim das elevadas digressões do espírito, o único motor da nossa sensibilidade?

Queremos reduzir muito, na mentalidade contemporânea, a importância exagerada que o nosso snobismo, com a cumplicidade da nossa galanteria, deixaram tomar ao feminismo usurpador. Esse movimento triunfa actualmente em França devido a uma *élite* magnífica de mulheres intelectuais que expõem quotidianamente o seu génio admirável e os seus encantos irresistíveis. Mas o feminismo é nefasto e ridículo na Itália, e aliás em toda a parte onde se limita a não ser mais do que um desencadeamento de *arrivismes* mesquinhos e de ambições oratórias.

Queremos, em suma, combater a tirania do amor, que principalmente nos países latinos entrava e estanca as forças dos criadores e dos homens de acção. Consideramos o amor como uma estúpida paragem de comboio. Queremos substituir nas imaginações a silhueta ideal de D. João, pelas figuras de Napoleão, de Andrée e de Wilbur Wright, e, dum modo geral, arrancar os machos de vinte anos da vaidosa obsessão da aventura galante e do adultério.

Queremos incitar a gente nova para os mais audaciosos vandalismos intelectuais, para que viva com prazer pelas belas loucuras, com a paixão pelo perigo e com o ódio a todos os conselhos prudentes.

Queremos preparar uma geração de poetas poderosos e musculosos, que saibam desenvolver os seus corpos valentes tanto como as suas almas sonoras. Esses poetas, ébrios de orgulho, hão-de atirar violentamente com os pedagogos das suas cátedras abaixo, e hão-de avançar contra a maré na massa poeirenta das velhas ideias em farrapos e das opiniões estropiadas. Glorificação do instinto e do faro animal humano, culto da intuição adivinhadora, individualismo selvagem e cruel, desprezo pelo antigo bom senso usurário, louca dissipação das nossas forças sentimentais e fisiológicas, heroísmo quotidiano da alma e do corpo: eis o que nós queremos.

OS ESCRITORES E A IMPRENSA

No número 3-4-5-6 da revista *Poesia*, onde colhi tudo o que diz respeito ao Futurismo, encontram-se publicadas, em cartas a Marinetti ou expostas pela imprensa, as opiniões dos seguintes escritores:

Ad. Brisson, André Ibels, Aimé Grafigne, Auguste Germain, Camille de Sainte-Croix, Charles Derennes, Charles Régismanset, Comte Robert de Montesquiou, E. Gómez Carrillo, Edmond Harancourt, Etienne Charles, G. de Pawlowski, Gabriel Timmori, Henry Bataille, Hubert Fillay, Ivanhoé Rimboosom, J. A. de Fersen, Jean Daragos, Jeanne Perdriel-Vaissière, Juan Mas y Pi, Jules Claretie, Juliette Adam, Louis Payer, Marie Dauge, Marcel Batilliat, Nozière, Paul Adam, Paul Brulat, Pierre Loti, Pol Arcas, René Thorel, Ruben Dario, Sébastien Voirol e Théo Varlet.

O número da revista transcreve os artigos que se referem ao Futurismo dos jornais: “Les Annales politiques et littéraires”, “Athenai”, “Comoedia”, “El Diario Español (Buenos Aires)”, “Daily Telegraph”, “L’Echo de Paris”, “Frankfurter Zeitung”, “Le Gaulois”, “Le Journal des Débats”, “El Liberal” (Madrid) “La Liberté”, “Le Monde Héliénique» (Atenas), “La Nation” (Buenos Aires), “Paris-Sport”, “Koelnische Zeitung”, “La Revue diplomatique”, “The Sun” (Nova Iorque), “Le Siècle”, “Le Temps”, “La Vie de Paris” e “Vossische Zeitung”.

A seguir às cartas, insere a revista: *Nei prossimi numeri pubblicheremo altre lettere di illustri scrittori, italiani e stranieri, scelte fra le numerosissime che ci sono pervenute.* E depois da transcrição dos artigos dos jornais: *Nei prossimi numeri pubblicheremo altri studi critici, tratti dagli innumerevoli giornali italiani ed esteri che hanno discusso il Futurismo.*

Teria um grande prazer se pudesse apresentar ao leitor deste jornal, pelo menos em resumo, as desconhecidas opiniões que se têm emitido sobre a nova escola literária; mas isso não me é possível nos limites dum artigo.

Uma grande parte dos escritores atacam o Futurismo, muitos não o tomam a sério, alguns há que não dizem que sim nem que não, e raros são os que fazem o elogio da nova maneira de encarar a poesia e... a vida, porque o Futurismo, sob a sua aparência literária, esconde uma escola filosófica, segundo penso.

Nozière, no “Temps”, a seguir a uma grande troça, diz: “O Futurismo é uma doutrina que venera o instinto: é uma forma da anarquia”. Nos *Anais Políticos e literários*, Ad. Brisson começa assim: “Passam-se cousas bem extraordinárias neste mundo...”, e depois de fazer rir o leitor com as declarações do Futurismo, acrescenta: “Mas admirem a minha ingenuidade. Parece que tomo a sério o sr. Marinetti. Estou a comentá-lo! Estou a discuti-lo. E caminho mesmo adiante dos seus desejos, porquanto, não há dúvida, o que ele quer acima de tudo é fazer barulho. Julga que as suas blasfémias de iconoclasta lhe hão-de dar uma glória que não soube conquistar como escritor e como pensador. Não tem senão uma desculpa: a sua pouca idade (*sa jeunesse*)”. Etc., etc., não chegariam as vinte e quatro colunas do *Diário* para todas as transcrições que desejaria fazer. No entanto, como são raros os que dizem bem, e como é muito difícil dizer bem nestes casos, vou recortar uns períodos de Juan Mas y Pi, que escreve no *Diario Español* de Buenos Aires: “Não faltarão detractores; todos os fósseis da arte, todos aqueles que apenas conhecem a regra sem compreenderem o espírito, hão-de estar já preparando as suas armas para o novo combate a que os provoca o galhardo proclamador da poesia moderna. Seria possível adivinhar qual a sorte que estará destinada a esta nova tendência? Pela minha parte atrevo-me a garantir a sua perduração, porque é uma necessidade e porque, como tal, há-de arregar nas almas destes heróis os fortes desejos de combate pela dignificação espiritual do homem.

O Futurismo mais do que escola literária é uma tendência de vida; é uma forma artística das ideias que começam a impor-se, uma maravilhosa rebeldia contra o renascimento dos velhos ideais caducos.

Todas as gerações fizeram os seus trabalhos, grandes ou pequenos, mas adequados. E porque não a nossa? É necessário que tracemos o nosso próprio caminho e, se queremos que seja transitável, que verdadeiramente seja um caminho por onde possa seguir a humanidade no seu eterno avançar, devemos saber construí-lo de harmonia com o nosso tempo, com as nossas tendências, com as ocultas aspirações – que o destino impõe à colectividade.

Os Gregos tiveram o ideal da raça, e concretizaram-no em mármore magníficos; a Idade Média ergueu as torres das catedrais porque o seu ideal se iniciava para o céu; a Renascença, colorista e exuberante de vida, brilhou com os seus quadros maravilhosos. Havemos nós hoje de pôr os nossos olhos nos ideais dos Gregos, da Idade Média, ou da Renascença, procurando elementos para a nossa arte, isto é, para a realização em beleza das nossas aspirações vitais? De modo nenhum: cada época tem as suas tendências, cada geração tem a sua fórmula. Se quisermos que a obra artística, produto do nosso cérebro, não seja uma baixa imitação do passado, isto é, uma renúncia a todo o ideal, devemos compreender que somos obrigados a criar, a inovar, seguindo a evolução de tudo o que existe. Foi por meio do passado que chegámos até hoje. Devemos aceitá-lo como elemento de estudo, não como base eterna a que se deva sempre regressar. Para que sejamos "nós mesmos" – e esta é a primordial condição de vida – não devemos olhar para trás sob pena de nos transformarmos, como a mulher de Loth, em estátuas de sal.

O que deve permanecer em nós do passado, permanecerá *á pesar nuestro*, por atavismo. As tendências da nossa vontade imperiosa, devem ser para anular todo o laço tradicional, para que vivamos somente no nosso tempo, única forma de contribuir para o futuro.

Espero que a juventude intelectual americana compreenderá e acompanhará a heróica iniciativa de Marinetti que "de pé, no mais alto do mundo, lança o seu desafio às estrelas."

A não ser *El Liberal* de Madrid e o sr. André Ibels, nenhum dos críticos do Futurismo fala desse filósofo moderno, que de tanto pensar endoideceu, e cujas produções pasmosas e tresloucadas são hoje quase exclusivamente a fonte de todas as novas teorias: refiro-me a Nietzsche.

El Liberal diz: *Así habla el Zarathustra nuevo*, e o sr. André Ibels, numa carta a Marinetti, escreve: *Les imbéciles ne manqueront point de dire que c'est là du nietzschisme, comme si, avant Nietzsche, l'homme n'avait pas osé penser et agir!*

Não se percebe bem a razão pela qual os *imbecis* irão filiar o Futurismo no nietzschismo. Por que é que os futuristas não se inspiraram em Nietzsche? Porque antes de Nietzsche houve muita gente que teve a coragem de pensar e de exercer a sua actividade! Mas isto é muito humano. Vão lá falar também aos nietzschianos em Guyau e no conde de Gobineau...

Lemos as declarações do Futurismo, como ouviríamos as detonações dum tremendo combate de poderosas esquadras, que se estivesse travando no meio do oceano, para lá de Santa Maria, para além da linha do horizonte. Com efeito essa pavorosa luta de ideias, mais terrível e mais devastadora do que seria a dos canhões, dá-se actualmente no mundo, em todos os campos: no da política, no da religião, no da arte e, o que é mais grave ainda, no campo da moral. O Futurismo, quanto a mim, é mais uma forma moderna da reacção individualista, da revolução às avessas, que se está operando contra as nossas belas ideias cristãs da piedade, da pureza, da bondade...

A revolução francesa fez vingar as suas doutrinas da igualdade, liberdade e fraternidade. Os princípios da sua moral revolucionária, embora se mostrassem sob um aspecto diferente, eram os mesmos que os da moral cristã, budista e de quantas religiões tem havido. Agora, porém, aquilo que no mundo tem sido considerado como verdade há dezenas de séculos, é posto em dúvida por uma filosofia tresloucada, cujo fundador é um doido, e cujos continuadores são histéricos e nevróticos, produtos da degenerescência do século.

Uma nova aristocracia pretende dominar e impor-se, não a do sangue nem a do talento, mas a dos homens de acção e sem escrúpulos, cuja moral é o imoralismo, e cujas qualidades são a audácia, a impiedade, a dureza...

O Futurismo será como que o hino, a marcha guerreira das novas ideias, e é um mau sinal quando estas monstruosidades começam a tocar a sensibilidade humana sob a forma harmoniosa da poesia.

Não é porém esta a primeira vez que a humanidade atravessa uma grave crise de incerteza de ideias e de falta de ideais. No final do Império Romano, por exemplo, o estado dos espíritos era semelhante ao actual. Esperemos com confiança que para além do túnel, como diz o conde Roberto de Montesquiou, uma serena e branca luz de verdade nos há-de iluminar a todos.

Mas já poderemos garantir que o que tem sido verdade há dezenas de séculos, que o que tem inspirado todas as religiões e todas as filosofias, continuará a ser verdade e brilhará com todo o seu esplendor, como após uma noite nublada e de tormenta o sol radioso duma alvorada pura.

Génova, Julho-909

Luis-Francisco Bicudo

NOTA – É muito natural que exponham publicamente o seu modo de pensar sobre a nova escola, os poetas desta Ilha: D. Alice Moderno, António Cardoso, dr. A. C. Rodrigues, dr. Aristides da Mota, dr. Francisco Pacheco, F. M. Supico, dr. Humberto de Bettencourt, Iman (1), dr. José Bruno, P.º J. J. Botelho, Manuel Augusto d'Amaral, M. P. de Lacerda, Rolando Viveiros, etc.

E como também é natural que desejem enviar à revista "Poesia" os seus artigos, indico-lhes a redacção: via Senato, Milano.

L.-F. B.

In "Diário dos Açores", Ponta Delgada, 5-VIII-1909

(1) Pseudónimo de Miguel de Sousa Alvim. (P. da S.).